

## ENTRE A PENA E A ESPADA: SOBRE A PROSÁPIA DE PAUL DE MOLÈNES

Sarug Dagir Ribeiro\*

Recebido em 10/11/2020. Aceito em 16/07/2021.

**RESUMO:** A prosa de guerra de Paul de Molènes traz os presságios dos campos de batalha tais como os da Revolução de 1848 e da guerra da Crimeia, mas, ao empunhar a espada, ele não se despede da pena. A sublimidade da sua devoção religiosa aliada à força regular da disciplina militar formaram neste grande escritor um novo ideal forjado entre a pluma e a espada. Este trabalho examina alguns dos procedimentos formais da sua prosa, destacando os aspectos da espiritualidade e da ficcionalização da coqueteria militar em alguns dos seus romances. Para Molènes, a escrita tal como a guerra se deve à vontade divina, não havendo distinção entre o ideal humano e o ideal divino. Toda a sua imaginação estava sob o feitiço das paixões pungentes, do espírito de liberdade e do sentimento religioso. Ele soube proclamar o heroísmo da era das revoluções como nenhum outro escritor soube fazê-lo, produzindo uma obra pessoal única na literatura.

**Palavras-chave:** Coquetismo. Guerra. Prosa. Religiosidade.

### Introdução

A obra de Paul de Molènes (1821-1862) é pouco conhecida e quase não foi divulgada, inclusive no Brasil. Ele foi um romancista e oficial militar francês, tendo sido agraciado com a cruz da *Légion d'Honneur*, a mais importante condecoração da República Francesa, pelos seus méritos militares durante a Revolução de 1848. Sua carreira literária foi estimulada e influenciada por François-René Auguste de Chateaubriand (1768-1848). Molènes compôs inúmeros romances, contos, textos de crítica literária e de memórias. Sua eloquência resume, nas tramas que criou, o clima quente das batalhas, dentre elas a guerra da Crimeia e a grande guerra do Oriente (MOLÈNES, 1860a). Ele morreu muito jovem devido a uma queda de cavalo, o que para alguns críticos foi “um talento interrompido no mais belo momento de seu brilho”(D’AUREVILLY, 1898, p. 312, tradução nossa).

O objetivo deste estudo é apresentar a prosa de Molènes comentando brevemente seus romances: *Les caprices d’un régulier*. *Les souffrances d’un houzard*. *Le soldat en 1709* (1863), *L’Amant et L’enfant* (1861), *Les commentaires d’un soldat* (1960a), *Histoires Intimes* (1960b) e *Histoires Sentimentales et Militaires* (1855). Tais narrativas exibem um painel de personagens que vivificam tramas trágicas e calorosas no *front* de batalha, com sincera religiosidade em meio à

---

\* Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

realidade mundana que se move ao redor das figuras ficcionais, muitas vezes esboçadas de forma vibrante. A voz da paixão no charme da coqueteria militar e a espiritualidade em meio ao sacrifício da vida nas tormentas da guerra são as duas principais características que examinamos. Desta forma, o desenvolvimento deste estudo está dividido da seguinte maneira: na primeira seção, refletimos sobre a espiritualidade na prosa de Paul de Molènes; na segunda, aborda-se a ficcionalização do coquetismo militar na prosa moleniana; e na terceira e última seção, busca-se o legado de Molènes para a literatura.

### **Espiritualidade na prosa de Paul de Molènes**

“Este é todo o meu evangelho literário” (MOLÈNES, 1860b, p. III, tradução nossa)<sup>1</sup>: com essas palavras o autor qualifica e apresenta seu romance ao leitor. A espiritualidade na prosa de Molènes deve-se à forte influência do pensamento e da poética de François-René Auguste de Chateaubriand, caracterizada pela “defesa da humanidade e, sobretudo, do Deus cristão” (CARMINATTI, 2018, p. 68). Chateaubriand revolucionou a passagem da era dos Oitocentos para a era dos Novecentos, época em que, sobretudo, a França vivenciava aceleradas reformas e agitações sociais e políticas como a própria Revolução Francesa de 1789, passando pelas crises econômicas e políticas da Revolução de 1830, quando, apesar dos reis terem sido restaurados, os aristocratas não mais se ergueram e a nova classe média finalmente triunfou sobre os nobres. As crises dos anos 1846 e 1847, que levaram à derrubada do trono do rei Luís Filipe na Revolução de 1848, considerada uma das mais sangrentas, culminou na eleição de Napoleão III como presidente da República Francesa (TOCQUEVILLE, 2011). Muitos desses acontecimentos se devem aos abusos e irresponsabilidades da classe privilegiada (a nobreza) e à falência social representada pela multidão de pobres e famintos (PERROT, 2009). Essa época é caracterizada por transições de caráter revolucionário que inauguraram uma era totalmente nova, no sentido de se criar uma forma de pensar a ciência, a filosofia, a religião, a literatura e a política de um modo totalmente novo, com fundações novas e do tipo secular, *novus ordo saeculorum* (ARENDRT, 2011). Foi preciso vir à Modernidade para alforriar os princípios revolucionários da fé cristã, rompendo com as concepções da era dos Oitocentos. Por sua vez, todas essas mudanças chegaram na literatura que, a partir de então, passa por uma fase de transformação em que, pouco a pouco, as ideias dos filósofos iluministas e os juízos da estética clássica foram sendo abolidos a favor das tendências do

---

<sup>1</sup> “Voilà tout mon Évangile littéraire” (MOLÈNES, 1860b, p. III).

movimento romântico. Essa época é também denominada de “tempo moderno da literatura” (CARMINATTI, 2018, p. 68) e foi a obra pré-romântica de Chateaubriand que ofereceu os pilares para o Romantismo Literário.

A obra de Paul de Molènes é herdeira do Romantismo francês na literatura e de todo o espírito revolucionário de sua época. O percurso existencial é um fator relevante no método da produção ficcional e essa característica é observada tanto nos trabalhos de Chateaubriand quanto nos próprios escritos de Molènes. Este último ficcionaliza seus contos e romances, alimentando-os com suas próprias experiências de cavaleiro militar nas inúmeras incursões bélicas às quais esteve envolvido (VILLEMAIN, 1958).

É possível que certas características de Chateaubriand justifiquem o incentivo que ele próprio emprestou aos esforços literários de Molènes. Essas características seriam o fascínio que ele tinha pelos romances cavaleirescos do século XVII, também o fato de ter conseguido uma patente militar e a atração pela guerra, essa última foi imortalizada nas lembranças de Tocqueville (2011):

Monsieur Chateaubriand, de quem tantos laços de família e tantas lembranças da infância haviam me aproximado. Fazia muito tempo que caíra em uma espécie de estupor mudo que, por momentos, fazia crer que sua inteligência havia se apagado. Contudo, foi nesse estado que ouviu o rumor da Revolução de Fevereiro e quis saber o que se passava. Ao ser informado de que a Monarquia de Luís Filipe acabava de cair, disse: “Bem feito!”, e calou-se. Quatro meses depois, o fragor das jornadas de junho também chegou a seus ouvidos e ele perguntou, mais uma vez, que barulho era aquele. Responderam-lhe que se estavam lutando em Paris, e que era o canhão. Então fez vãos esforços para se levantar, dizendo: “Quero ir para lá”; depois se calou, e dessa vez para sempre, pois morreu no dia seguinte. (p. 219, grifos do autor).

Esse entusiasmo do *Monsieur* Chateaubriand pelo combate o faz patrocinar as aventuras literárias de Molènes, que teve um enorme favoritismo nas mais importantes revistas literárias da época como *L'Artiste*, *European Review*, *Revue de Paris* e a *Revue des deux Mondes*, publicando resenhas, críticas literárias e teatrais, contos e romances de inspiração militar. Tais feitos sem dúvida impulsionaram muito a sua carreira literária (VILLEMAIN, 1958). Seu estilo pode ser caracterizado como sendo a mescla do espírito libertino herdado do século XVIII e as explosões românticas das primeiras décadas do século XIX (SCHELLINO, 2012), o que logo atraiu muitos admiradores e críticos.

Outra característica da prosa de Molènes é a exaltação guerreira e o romantismo aristocrático associado a uma certa melancolia perturbadora, considerado por alguns críticos como ecos de Chateaubriand na obra de Molènes. Nas palavras de Nettelement (1864): “uma alma ferida que escreve pelas almas feridas” (p. 77, tradução nossa), e, de fato, é o que sentimos quando lemos

seus romances. A guerra é o laboratório ficcional da sua narrativa que incorpora as feridas abertas pelas guerras, e, às vezes, a morte se constitui como mais uma personagem da trama romanesca. Afinal, é a trincheira o palco dos acontecimentos e o machucado provocado pela bala de canhão no corpo do jovem soldado moribundo que será entregue a Deus. Para Molènes essas feridas do guerreiro abatido são a representação do martírio de Jesus Cristo e desta maneira, encontramos a espiritualidade do texto.

Pontmartin (1865) descreve a obra de Molènes como “espiritualista” (p. 115, tradução nossa) e destaca a qualidade do estilo singular do autor que profere uma fusão na qual o romantismo muda e torna-se pragmático. O que há de resoluto na obra de Molènes é a sua constante preocupação com que Deus o permita “testemunhar quase todos os grandes atos de guerra” (MOLÈNES, 1860a, p. 1, tradução nossa)<sup>2</sup>, numa clara alusão à realidade política, social e patriótica dos seus dias. A escrita de Molènes resiste a uma abordagem puramente mimética dos acontecimentos de guerra, pois, a sua pena caminha para uma dimensão essencialmente épica e religiosa. E como ele mesmo afirma: “o que saiu de uma fonte viva parece-me ter algum direito à vida” (MOLÈNES, 1860b, p. III, tradução nossa)<sup>3</sup>, ou seja, tudo aquilo que Deus o faz imaginar em sua mente e sentir em seu coração ele passa para o papel através da pena. Suas grandes emoções são o amor pela espada, a loucura da cruz e os gloriosos acontecimentos patrióticos que conduzem à liberdade.

Por sua vez, Moüy (1865) viu em Molènes uma dupla personalidade: por um lado, um oficial valente que se destaca dentre todos os demais, e, por outro, “um pensador estranho, para quem a guerra tinha a atração de um êxtase de inteligência, uma paixão do coração, uma afirmação de fé” (p. 409, tradução nossa). Segundo Chateaubriand (1949), “tão encantadoras são as memórias de Paul, ligadas à história da religião e da pátria [...] mesclou as ideias guerreiras com as religiosas” (p. 15). Para Molènes a guerra é a expressão da vontade divina e essa é a principal dimensão da espiritualidade de sua prosa:

Não sei o que o futuro reserva para nós. Muitos acreditam que a guerra está fadada ao fim; eles a consideram como uma impiedade, uma praga, um monstro que depois de supremas convulsões o mundo finalmente rejeitará para sempre de suas entranhas: Eu sempre a considerei como a mais alta e mesmo a melhor expressão da vontade divina. (MOLÈNES, 1860a, p. 3)<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> “...assister à presque tous les grands faits de guerre”. (MOLÈNES, 1860a, p. 1).

<sup>3</sup> “Ce qui est sorti d'une source vivante me semble avoir quelque droit à la vie” (MOLÈNES, 1860b, p. III).

<sup>4</sup> “J'ignore ce que nous garde l'avenir. Plusieurs croient que la guerre est appelée à disparaître; ils la regardent comme une impiété, comme un fléau comme un monstre qu'après des convulsions suprêmes le monde rejettera enfin pour toujours de ses entrailles: je l'ai considérée de tout temps, moi comme la plus haute et même la meilleure expression de la volonté divine” (MOLÈNES, 1860a, p. 3).

De tal modo, o ofício de escrever é também atribuído a Deus:

Este não é um conto, nem um romance, nem sequer um daqueles romances que os homens fazem, pois é um daqueles romances feitos por Deus. Esses são simplesmente os que estou tentando escrever. Por isso, sempre tenho medo de estragá-los com qualquer coisa que pareça arte, invenção, efeitos combinados, contrastes preparados propositadamente. (MOLÈNES, 1855, p. 57, tradução nossa)<sup>5</sup>.

A eloquência intensa e imagética do artista o faz “voejar com o gênio” (p. 62), para usar uma expressão de Chateaubriand (1949), referindo-se à própria dificuldade e índole de Molènes em descobrir veredas novas para expressar a guerra e a fé em Jesus Cristo. Afinal, todo o dom e toda a liberdade de escrever se deve ao gênio do cristianismo. As virtudes religiosas e guerreiras são expressões de uma escrita elegante e simples.

Vi que Renaud estava me olhando com espanto — Meu Deus, meu coronel, disse ele, tenho certeza de que em sua vida só pode haver ações generosas. Neste mundo e no próximo, você deve ter certeza de que é amado. Ele disse essas palavras com um sotaque que me fez tremer. Respondi: — Querido amigo de batalha, obrigado por suas palavras. Vamos deixar esses devaneios de lado. E Renaud continuou: sinto que podemos nos comunicar com aqueles que não mais estão aqui entre nós por meios sobrenaturais. No entanto, apesar da gentileza que suas últimas palavras me deram, ele mal havia se afastado quando senti uma grande perturbação (MOLÈNES, 1860b, p. 27, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Em *Les commentaires d'un soldat* (MOLÈNES, 1860a) o soldado militar é protagonizado como figura preponderante, em primeiro plano. Os personagens transitam num enredo que representa a trajetória de uma tropa no campo de batalha, ora nos primeiros e nos últimos dias da guerra da Crimeia, ora no rigoroso inverno no Cerco de Sebastopol, considerado o principal combate ocorrido durante tal guerra (HOLMES; SINGLETON; JONES, 2001), em que o autor detalha os combates num misto de ficção e relato histórico<sup>7</sup>. No referido romance o soldado e seus compatriotas vivenciam a guerra como uma missão divina. D'Aurevilly (1898) o define como um

---

<sup>5</sup> “Ceci n'est ni un conte, ni un roman, un de ces romans du moins que font les hommes, car c'est un de ces romans que fait Dieu. Ce sont ceux-là tout simplement que je tâche d'écrire. Aussi ai-je toujours peur de les gêter par tout ce qui ressemblerait à de l'art, de l'invention, des effets combinés, des contrastes préparés” (MOLÈNES, 1855, p. 57).

<sup>6</sup> “Je vis que Renaud me regardait avec étonnement. — Mon Dieu, mon colonel, fit-il, il ne peut y avoir dans votre vie, j'en suis certain, que des actions généreuses. En ce monde et dans l'autre, vous devez être bien sûr d'être aimé. Il dit ces mots avec un accent qui me fit tressaillir. — Cher enfant, lui ai-je répondu, je vous remercie de vos paroles. Laissons les apparitions de côté. Je le sens d'ailleurs, on peut communiquer avec ceux qui ne sont plus autrement que par des voies surnaturelles. Cependant, malgré la douceur que ses dernières paroles m'ont donnée, à peine s'était-il éloigné, que j'ai senti un grand trouble” (MOLÈNES, 1860b, p. 27).

<sup>7</sup>O escritor russo Liev Tolstói (2011), em seu romance *Contos de Sebastopol*, também descreve esses combates.

“poeta, em prosa, da guerra” (p. 321) e uma “alma heroica, simples e religiosa” (p. 322). É nesse estilo que ele poetiza a guerra e a fé cristã.

### A poética do coquetismo na prosa moleniana

Entende-se por coquetismo o comportamento deliberadamente dualista entre o dizer sim e o dizer não, ou ainda, entre a entrega de si e a recusa de si, específica da relação de sedução amorosa entre duas pessoas. Funcionando como um tipo de jogo para a conquista, cuja realidade psicológica é justamente a notável unificação intuitiva das potencialidades opostas, exemplificada nos gestos femininos e ambíguos da coquete (SIMMEL, 2001). O coquetismo é um fenômeno social que recobre um universo bastante complexo, apresentando características bem diversas de acordo com a época histórica: períodos de extrema repressão, vertente regulamentarista, ou períodos de liberalismo sexual, vertente abolicionista (ROBERTS, 1998). Por outro lado, cabe salientar que as modalidades pelas quais o coquetismo se configura na literatura são inúmeras.

De acordo com Simmel (2001) “recusar e conceber é o que as mulheres sabem fazer com perfeição, e só elas sabem. O coquetismo atravessa todas as psicologias da mulher [...] seu objeto é uma mulher e seu sujeito um homem” (p. 97 e 98). Em *Histoires intimes* (MOLÈNES, 1860b) o coquetismo se mostra com toda a sua elegância através da coqueteria militar por intermédio do charme do guerreiro em seu uniforme bem cintado e cintilante, sua desenvoltura ágil e sua postura heroica pela disposição de se estar sempre pronto para morrer a cada minuto nos campos de batalha. As conquistas amorosas são como as conquistas de guerra e os personagens masculinos com o príncipe Polesvoï, o coronel Raymond ou os soldados Mesrour, Renaud e Jacques manifestam enorme encanto nas mulheres. Geralmente elas são suas namoradas, suas cortesãs ou suas noivas, nomeadas com os pseudônimos de Feneça, Rebecca, Luce, Lucette, princesa Anne de Cheffai, e também são descritas como sendo muito charmosas, elegantes e atraentes.

Há em *Histoires intimes* (MOLÈNES, 1860b) uma retórica do coquetismo como nos provam os trechos seguintes: “As mulheres têm um instinto incrível de reconhecer o amor que inspiram naquele de que o outro é o objeto [...] Mesrour não soube perder a oportunidade de saborear este encanto supremo que os homens encontram nas amizades femininas” (MOLÈNES, 1960b, p. 162-163, tradução nossa)<sup>8</sup>. Em outra passagem: “Jacques estava intoxicado com o menor avanço feito

---

<sup>8</sup> “*Les femmes ont un incroyable instinct pour reconnaître l'amour qu'elles inspirent et celui dont une autre est l'objet [...] Mesrour n'avait pas su perdre une occasion de savourer ce charmes suprême que trouvent les hommes dans les amitiés féminines*” (MOLÈNES, 1960b, p. 162-163).

por esta criança atraente” (p. 174, tradução nossa)<sup>9</sup>. No entanto, as provas das paixões humanas se confundem com um encanto muito mais poderoso, o do brilho febril da beleza que vem de Deus. Assim, na prosa a personagem Luce não é mais descrita como uma mulher atraente, mas, como uma “criança sedutora” (p. 174, tradução nossa)<sup>10</sup>. Isso denota uma característica importante da prosa do coquetismo em Molènes, quer seja, a espiritualidade. Então, todo ideal de beleza e sedução da esfera humana se confunde com a beleza e sedução da esfera divina. “Jacques já viu muitas vezes esse rostinho encantador de repente ter algo como uma dignidade imponente. No momento em que ela se sente penetrada pelos raios de um amor verdadeiro, nenhuma mulher que não toma algo agosto” (p. 176, tradução nossa)<sup>11</sup>. De fato, Molènes não pode ser confundido com o grupo de romancistas sensualistas que existiram na sua época. Certamente, ele é essencialmente um romancista espiritualista. Ele tinha gosto pela honestidade, entusiasmo pela beleza espiritual, pela virtude moral e pela religião cristã (NETTEMENT, 1864). Há na coqueteria militar moleniana um tipo de ternura evangélica que diviniza os combatentes de guerra e as mulheres, essas últimas tornam-se graciosas, misteriosas e, sobretudo, seres angelicais que “curam feridas” MOLÈNES, 1960b, p. 247, tradução nossa).

Em outra passagem o texto narrativo descreve o soldado Jacques apaixonado por uma donzela que conheceu na conquista de terras estrangeiras. Ele tem uma voz ao mesmo tempo afetuosa e viril, cujo amor pelas mulheres é tão intenso quanto o amor pela guerra. E mesmo com a sua morte o epitáfio confirma: “Ele tinha pelas mulheres a paixão que ainda tinha pela guerra quando foi tirado de nós” (MOLÈNES, 1860b, p. 5, tradução nossa)<sup>12</sup>. Esta é outra marca da galanteria militar moleniana, ou seja, a mistura de afetuosidade e virilidade:

Lucette era aquela tão bem iluminada pela luz quente deste coração. Uma de suas atrações mais agudas era seu ar juvenil [...] ela oferecia uma delicadeza que não se devia à palidez ou à magreza, mas, pelo contrário, tinha formas arredondadas e cores frescas. Sua delicadeza era a de uma flor [...] ela despertava uma ideia de proteção (MOLÈNES, 1960b, p.155, tradução nossa)<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> “Jacques était enivré par la moindre avance que faisait cette séduisante enfant.” (p. 174).

<sup>10</sup> “*séduisante enfant*” (p. 174).

<sup>11</sup> “*Jacques a vu bien des fois cette charmante petite figure avoir tout à coup comme une dignité imposante. A l’instant même où elle se sent pénétrée par les rayons d’un véritable amour, point de femme qui ne prenne quelque chose d’aguste*” (p. 176).

<sup>12</sup> “*Il avait eu pour les femmes la passion qu’il avait encore pour la guerre au moment où il nous a été enlevé*” (MOLÈNES, 1860b, p. 5).

<sup>13</sup> “*Lucette, était celle qu’éclairait si bien la chaude lumière de ce coeur. Un de ses plus vifs attraits était son grand air de jeunesse [...] Elle offrait un genre de délicatesse qui ne tenait ni à la pâleur, ni à la maigreur, cas elle avait au contraire des formes arrondies et des teintes fraîches. Sa délicatesse était celle d’une fleur [...] qu’elle éveillait une idée de protection*” (MOLÈNES, 1960b, p. 155).

Em alguns trechos do romance o autor parece renunciar a essa mistura adúltera de idéias espiritualistas e dissipações voluptuosas (TAILLANDIER, 1857), tornando-se quase que um moralista ou um pintor da vida militar:

Olhe para mim como uma espécie de camarada e tutor, tutor sem despotismo, é claro, e também sem pretensões românticas. Se depois seus olhos e sua boca me dissessem que eu posso mudar de papel, acredite que não seria difícil para mim; mas, continuou ele com um sorriso amável e dizendo: deixemos de lado a galanteria/ a bravura como o amor (MOLÈNES, 1960b, p. 159, tradução nossa)<sup>14</sup>.

A prosa apresenta um eu lírico sonhador, imaginativo, que idealiza a mais vulgar aventura de guarnição transformando o ambiente cinzento e barulhento da trincheira em um bosque com arbustos floridos onde o soldado revisita as lembranças de uma mulher amada ou uma conquista amorosa. No trecho acima o substantivo [*la*] *galanterie* foi traduzido mantendo seus dois sentidos. Pois, segundo MÉNAGE (1750), [*la*] *galanterie*, além do sentido de cortesia, galanteio ou comentário lisonjeiro dirigido às mulheres, também remete ao sentido da velha bravura francesa da era das revoluções. Desse modo, as duas traduções parecem corretas, principalmente porque na prosa moleniana tanto a bravura quanto o galanteio flertam com o amor e a guerra. E ambos os elementos (a bravura, a cortesia galante) fazem parte da sua prosa e são constantemente incorporados ao plano ficcional. Com efeito, todos os personagens masculinos têm “a qualidade que sempre valeu a pena, no amor como na guerra, a coragem” (MOLÈNES, 1960b, p. 248, tradução nossa)<sup>15</sup>. De fato, Molènes foi um romancista idealista (TAIGNY, 1861) e encontramos em cada romance seu uma alma, repleta de amor e bravura.

Como observa Cargo (1973), Molènes se destaca entre os escritores que melhor desenvolveram uma voz militar masculina na ficção romanesca do século XIX. Nas palavras de Baudelaire (1996): “Paul de Molènes escreveu algumas páginas tão encantadoras quanto sensatas sobre a coqueteria militar e sobre o sentido moral da indumentária cintilante com que todos os governos se comprazem em vestir suas tropas” (p. 44). É o querer agradar que faz o militar lançar mão tanto das suas virtudes morais e espirituais, como dos seus encantos físicos, tudo para tornar-se atraente e desejável para a amada que o observa e com quem flerta. Há nesse comportamento uma maneira própria de se esquivar, ligada a uma maneira furtiva de se dar, dirigindo momentaneamente

---

<sup>14</sup> “*Regardez-moi à la fois comme une manière de camarade et de tuteur, de tuteur sans despotisme, bien entendu, et aussi sans prétentions amoureuses. Si plus tard, vos yeux, votre bouche, un signe, me disaient que je puis changer de rôle, croyez que cela ne me serait pas difficile; mais, poursuivit-il avec un sourire plein de bonté, laissons de côté la galanterie comme l’amour*” (MOLÈNES, 1960b, p. 159).

<sup>15</sup> “*la qualité qui de tout temps a le mieux valu, en amour comme en guerre, le courage*” (MOLÈNES, 1960b, p. 248).



sua atenção para a donzela, a quem, naquele instante, ele quer atrair. Assim, a prosa do coquetismo moleniano coloca no lugar da bela coquete o jovem guerreiro. Será o militar que irá dirigir o jogo instável entre o sim e o não, através da esquiva que leva à entrega, mas toda decisão definitiva põe fim à arte da sedução. Dessa maneira, na ficção de Molènes não são as mulheres que sabem fazer com perfeição a arte do recusar e do conceber (SIMMEL, 2001), os guerreiros também sabem fazer com perfeição a arte da coqueteria.

### O legado de Paul de Molènes

Em uma homenagem póstuma, Baudelaire (1976) escreveu sobre Molènes:

Molènes pertencia, na ordem da literatura, à classe dos refinados e dos dândis; ele tinha todos os tiques divertidos que essa grandeza frequentemente implica, ele os usava de maneira leve e mais franca do que qualquer outro. Tudo nele, até mesmo o defeito, tornava-se graça e ornamento. Certamente ele não tinha uma reputação igual ao seu mérito. *L'Histoire de la garde mobile, l'Étude sur le colonel Latour du Pin, Les Commentaires d'un soldat, Sur le siège de Sébastopol* são peças dignas de viver na memória dos poetas. Mas, justiça será feita a ele mais tarde; pois toda justiça deve ser feita (p. 215-216, tradução nossa).

Como aponta Schellino (2012), apesar do desejo de Baudelaire, o tempo não fez justiça a Molènes, infelizmente o poeta e romancista permanece desconhecido não só do público em geral, mas também dos especialistas em literatura francesa do século XIX. Na descrição de Camp (1881) “ele nasceu aventureiro; ele amava a guerra pela guerra; ele estremecia ao som de trombetas e considerava o som do canhão uma harmonia deliciosa” (p. 504, tradução nossa).

Em vida Molènes incansavelmente escrevia histórias militares e publicou algumas coleções com seus romances e contos por meio da livraria e editora de Michel Lévy (SCHELLINO, 2012). Ele também atraiu antipatias no meio literário, principalmente de Honoré de Balzac, que considerava os manuscritos de Molènes como artigos jornalísticos, portanto, ele praticava política em seus textos. Por esses motivos, para Balzac a produção de Molènes deveria ser rechaçada. Balzac chegou a divulgar um panfleto parodiando tal questão (BALZAC, 1844), e num tom de denúncia acusou as produções literárias de Molènes como escritos que estavam a serviço da política e dos políticos, portanto, possuía um forte indicativo da sua mediocridade e impotência artística.

Contudo, a menção mais consistente na história literária refere-se ao interesse que Baudelaire sentiu pelo romance *Les Souffrances d'un houzard* (MOLÈNES, 1863), uma vez

que, ele interessou-se em transformá-lo numa peça teatral. Nessa ocasião, Baudelaire procurou o próprio Molènes e este último fez a adaptação do texto, mas, o projeto demorou a sair do papel (SCHELLINO, 2012). Baudelaire destaca os pontos fortes da narrativa moleniana, desvendando psicologicamente o caráter ambivalente dos protagonistas do respectivo romance. Agradava-lhe a ideia de explorar o ambiente militar para uma encenação extremamente ativa, comovente e com grande pompa militar. Essa adaptação aparece na obra baudelairiana sob o título “*Le Marquis du 1<sup>er</sup> houzards*” (BAUDELAIRE, 1975, p. 645).

Para quem não conhece o romance *Les Souffrances d'une hussard* (MOLÈNES, 1863) a trama se passa ao longo da epopeia napoleônica até seu final em 1815. Conta os infortúnios de um jovem aristocrata, o Marquês de Cadolles. Ele se alistou em um regimento militar e participou das campanhas de Napoleão que o condecorou por sua bravura. Na agonia do declínio do Império, o Marquês dos Primeiros Hussardos, como passa a ser chamado, retorna à casa da sua família, localizada aos arredores de Paris, acompanhado de seu amigo Capitão Graff. Ele encontra seu pai e fica noivo da charmosa Madame de Timey. Ao mesmo tempo, ele conhece Charles Stown e o conde Adrien de Béval, o protótipo do monarquista liberal. O conde Adrien representa o oposto das suas convicções políticas mais profundas. Longe do campo de batalha se dedica a sua noiva Madame de Timey que o pressiona para que ele abandonasse as Forças Armadas. Mas, quando Napoleão voltou de Elba, ele retornou ao seu regimento e participou da Batalha de Waterloo. Poucos meses depois, perseguido pelos monarquistas, ele pediu à Madame de Timey que fugisse com ele. Ela se recusou. Na condição de foragido decide se render. Perdoado pelo rei Luís XVIII, ele se mata usando a arma que seu amigo Graff lhe dera na prisão para evitar a desonra. Madame de Timey consegue se juntar a ele na cela e o encontra moribundo e, então, ele morre em seus braços. Ao longo da narrativa, a alma do jovem oficial divide-se entre a lealdade à noiva e a paixão pela guerra, que implicava na sua lealdade aos hussardos e aos ideais de Napoleão.

Baudelaire (1976) reconhece em Molènes um daqueles homens superiores que atravessaram o período da decadência e em seguida fundaram o dandismo, “Molènes pertencia à ordem da literatura, à classe dos refinados e dos dândis” (p. 54, tradução nossa). Para Baudelaire (1996) “o dandismo assemelha-se ao espiritualismo e ao estoicismo” (p. 49). E um dândi pode ser um homem que sofre, mas nunca um homem vulgar. Podemos considerar Molènes como sendo um escritor que soube captar o lado épico da sua época ou a aura do espírito revolucionário (ARENDRT, 2011) e da fé cristã. Pois, afinal, de modo semelhante ao pintor francês Édouard Manet, que costumava dizer: “É preciso ser da própria época” (FRIEDRICH, 1993, p. 31), Molènes pintava o heroísmo de suas batalhas, captava o lado épico dos seus dias e esse é seu grande legado para a literatura.

## Considerações finais

Basta uma breve leitura em alguma das obras ficcionais de Molènes que comprovamos a sua predileção pelos temas da guerra e da fé cristã. Molènes é um romancista consciente do alcance e do valor de seus temas e da sua técnica de criação literária, em que os fatos da vida cotidiana nos campos de batalha e a religiosidade são elementos marcantes da sua ficção. Os seus enredos apresentam um caráter que vai além do mero propósito da guerra pela guerra *stricto sensu*, contudo, os personagens ao serem portadores de uma missão bélica a ser cumprida, registram certos conteúdos da vivência cultural cotidiano do *front*, cujo valor literário é inestimável. Sua religiosidade é tão sublime que contamina até mesmo as suas paixões carnis mais excitantes e pungentes.

Para concluir, ressaltamos que Molènes marca o cenário literário com suas ideias profundamente inspiradas pela guerra e o mérito do seu talento se deve, por um lado, à servidão da espada na nobre profissão das Forças Armadas, e, por outro, à árdua tarefa da pena de escritor, e nenhuma das duas tarefas ele as abandonou. Podemos afirmar que o elemento de irresistibilidade na sua prosa seja certamente a sua grandiloquência revolucionária e religiosa que leva o leitor de uma sensação de paixão violenta e irresistível pela revolução e pela guerra até uma sensação serena de libertação e calma numa espécie de sanção religiosa. Certamente sua ficção previu o mundo onde exércitos permanentes desapareceriam e a guerra, este brinquedo divino feroz, destruiria nações maduras, o que mais tarde, de fato, concretizou-se com as duas Grandes Guerras Mundiais.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Sobre a revolução**. 2<sup>a</sup> ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BAUDELAIRE, Charles. **Œuvres complètes. Tomo II**. Édition établie, présentée et annotée par C. Pichois. Paris, Gallimard, 1976.

BAUDELAIRE, Charles. **Œuvres complètes. Tomo I**. Édition établie, présentée et annotée par C. Pichois. Paris, Gallimard, 1975.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

BALZAC, Honoré de. Monographie de la presse parisienne. In: KOCK, P. *et. al.* La grande ville. Nouveau tableau de Paris. Comique, critique et philosophique. **Ville de Paris**, 04 sept. 1844. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2067833/f201.image.r=Nouveau+Tableau+de+Paris.langFR>. Acesso em: 4 out. 2020.

- CARMINATTI, Natália. Pedroni. O impulso literário de François-René Auguste de Chateaubriand. **Lettres Française**, São Paulo, v. 1, n. 19, p. 67-79, 2018.
- CAMP, V. M. du. Souvenirs littéraires. **Revue des deux mondes**, Paris, 1881, p. 500-510.
- CARGO, R. T. Baudelaire, the military, and Paul de Molènes. In: PATTY, J. S.; PICHOS, C. (dir.). **Études baudelairiennes III. Hommage à W. T. Bandy. Le Poète en son temps**. Thèmes et exégèses. Paris: Honoré Champion, 1973, p. 55-75.
- CHATEAUBRIAND, F-René de. **O gênio do Cristianismo**. v. 2. Trad. Camilo Castelo Branco. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda, 1949.
- CLEMENT, J-P. **Chateaubriand**: biographie morale et intellectuelle. Paris: Flammarion, 1998.
- D'AUREVILLY, Jules Barbey. **Portraits politiques et littéraires**. Paris: Alphonse Lemerre, 1898.
- FRIEDRICH, Otto. **Olympia**: Paris no tempo dos impressionistas. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HOLMES, Richard; SINGLETON, Charles; JONES, Spencer. **The Oxford Companion to Military History**: Crimean War. Londres: Oxford University Press, 2001.
- MÉNAGE, Gilles. **Dictionnaire etymologique de la langue française**. Paris: Briasson, 1750. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k507912/f2.item#> . Acesso em: 02 ago. 2021
- MOLÈNES, Paul de. **Les commentaires d'un soldat**. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires - Éditeurs, 1860a. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2085140.pdf>. Acesso em: 27 set. 2020.
- MOLÈNES, Paul de. **Histoires Intimes**. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires - Éditeurs, 1860b.
- MOLÈNES, Paul de. **Histoires Sentimentales et Militaires**. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires-Editeurs, 1855.
- MOLÈNES, Paul de. **L'Amant et L'enfant**. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires- Éditeurs, 1861. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=xAYaAAAAYAAJ&pg=PP11&hl=ptBR&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=xAYaAAAAYAAJ&pg=PP11&hl=ptBR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 28 set. 2020.
- MOLÈNES, Paul de. **Les caprices d'un régulier. Les souffrances d'un houzard. Le soldat en 1709**. Paris: Libraire de L. Hachette et Cie., 1863. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5695023g.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.
- MOÛY, Charles de. **Les Jeunes Ombres. Récits de la vie littéraire**. Paris: Hachette, 1865.
- NETTEMENT, Alfred. **Le Roman contemporain, ses vicissitudes, ses divers aspects, son influence**. Paris: Jacques Lecoffre Éditeur, 1864, p. 73-78. Disponível em: [https://books.google.co.ao/books?id=2xkvAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.co.ao/books?id=2xkvAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 4 out.2020.
- PERROT, Michelle. (org.). **História da vida privada 4**: da revolução francesa à primeira guerra. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [1987].

PONTMARTIN, Armand de. **Nouvelles Semaines littéraires**. Paris: Michel Lévy Frères - Libraires - Éditeurs, 1865.

ROBERTS, Nicke. **As prostitutas na História**. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record; Editora Rosa dos Tempos, 1998.

SCHELLINO, A. Baudelaire et Paul de Molènes, **Revue italienne d'études françaises**, 2, 2012, p. 1-10. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rief/794>. Acesso em: 1 out. 2020.

SIMMEL, Georg. Psicologia do coquetismo. In: SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 93-111.

TAIGNY, Edmond. Un romancier idéaliste: M. Paul de Molènes. **Revue Européenne**, Paris, v. 15, p. 145-155, 1861.

TAILLANDIER, Saint-René. La littérature et la vie militaire. **Revue des deux mondes**, tomo 10, Paris, 1857, p. 413-432. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/La\\_Littérature\\_et\\_la\\_vie\\_militaire](https://fr.wikisource.org/wiki/La_Littérature_et_la_vie_militaire). Acesso em: 13 de ago. 2020.

TOLSTOI, Liev. **Contos de Sebastopol**. Trad. Sonia Branco. São Paulo: Hedra, 2011.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Lembranças de 1848**: as jornadas revolucionárias em Paris. Trad. Modesto Florenzano. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VILLEMMAIN, Abel-Fraçois. **Chateaubriand, sa vie, ses écrits et son influence**. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires - Éditeurs, 1958.

***BETWEEN THE PEN AND THE SWORD:  
ABOUT THE PROSAPY OF PAUL DE MOLÈNES***

**Abstract:** Paul de Molènes' war prose bears the omens of battlefields such as those of the Revolution of 1848 and the Crimean War, but in taking up the sword, he does not bid farewell to the pen. The sublimity of his religious devotion allied to the regular force of military discipline formed in this great writer a new ideal forged between the pen and the sword. This work examines some of the formal procedures of his prose highlighting aspects of spirituality and fictionalization of military coquetry in some of his novels. For Molènes, writing such as war is due to the divine will, with no distinction between the human ideal and the divine ideal. His entire imagination was under the spell of the stinging passions, the spirit of freedom and the religious feeling. He knew how to proclaim the heroism of the era of revolutions as no other writer knew how to do, producing a personal work unique in literature.

**Keywords:** Coquetry. Prose. Religiosity. War.